

O Urbanismo como um direito de cidadania

Mário Moutinho, Professor da ULHT

Região de Leiria, Outubro 2002

O Urbanismo é ainda para muitas pessoas algo que se confunde com a arquitectura ou até mesmo com coisa de engenheiros. Para uns, quer dizer loteamentos, para outros quer dizer um conjunto de prédios e ruas “tipo urbanização” para outros é aquilo que os construtores civis fazem de forma caótica e especulativa. Na verdade as pessoas têm razão ao fazerem estas leituras pois as nossas cidades e aldeias têm crescido à revelia da qualidade, e da transparência de processos.

Vivemos os últimos 30 anos em estado permanente, de progressivo caos urbanístico. E o mais grave é que esse caos foi, e é licenciado pelas Autarquias e pela Administração Central (!!!).

Certamente que isso acontece por falta de legislação adequada, pela cultura da especulação e pela falta de capacitação da sociedade em geral. Assim se faz, por ausência de termos de comparação e de padrões de qualidade.

Por isso pensamos que deveria ser uma prioridade das instituições a promoção e a exigência de mais e melhor formação dos quadros que trabalham no domínio do Urbanismo.

O Conselho Europeu de Urbanistas há muito que estabeleceu os conteúdos curriculares para o ensino superior em Urbanismo caracterizou a Natureza e Dimensão da Actividade do Urbanista, o Quadro de Formação do Urbanista e o Enquadramento Deontológico da Profissão. (textos completos em www.urbanismo-portugal.com) E tudo isto pouco tem a ver com a Arquitectura cujos objectivos, e enquadramento jurídico são diversos do Urbanismo.

Bom sinal é o facto da recém criada Associação Profissional dos Urbanistas Portugueses (APROURB), apenas credenciar como Urbanistas, os detentores do grau de Licenciatura em Urbanismo.

Mas as autarquias conformam-se, as universidades optaram pelas mistificações do vocabulários, os profissionais de qualquer área autoproclamam-se “qualquer coisa / urbanista”, e as ordens profissionais fecham os olhos ou despodoradamente promovem a confusão e apadrinham o que não deviam apadrinhar.

A par de outras medidas que não cabe discriminar neste pequeno artigo, a exigência de qualificação académica revelar-se-á a seu tempo como a forma mais segura para criar as bases de uma nova forma de encarar e solucionar os problemas do presente e do futuro do nosso espaço urbano. Formação essa que a nosso ver começaria no Ensino Secundário

com uma disciplina que deveria simplesmente chamar-se “Introdução ao Urbanismo”.

Como dizia Eça de Queiroz há mais de um século “Bom Deus, não! Eu não reclamo que o país escreva livros, ou faça arte: contentar-me-ia que lesse os livros que já estão escritos, e que se interessasse pelas artes que já estão criadas”.

Pode haver quem pense que tudo isto é utopia, mas para nós, utopia é não se enfrentarem os desafios e pensar que tudo continuará, para sempre, na mesma.